

Ética e meio ambiente (cuidados da ética)

José de Ávila Coimbra.

Do livro *O outro lado do Meio Ambiente: uma incursão humanista na Questão Ambiental*, - Campinas SP: Millenium Editora, 2002. (p. 368 – 390).

Os caminhos na região da Ciência e da Tecnologia foram muito escarpados, não lhe parece? Estivemos sujeitos a escorregões, derrapadas e... a rolar por algum abismo.

Encetamos agora uma outra etapa que nos ensinará novos cuidados: a Ética. Sua essência é tirada do cuidado, do respeito e da justiça. A Ética pode estar revestida de uma roupagem religiosa, o que, com certeza, lhe acrescenta outras dimensões. Todavia, ela independe de credos confessionais, que apareceram muito depois das primeiras formulações morais. O espírito humano é o canteiro comum em que essas espécies florescem e alguns enxertos são sempre possíveis entre religião, moral e ética.

Vamos prosseguir, sem risco de rolar por ribanceiras e grotões, porque a Ética nos oferece um cabo de segurança, um guia seguro e um manual de instruções.

a) *Etbos* Mundial, um cabo de segurança.

Em sua clássica *Teogonia*, Hesíodo (séc. VIII a.C.) descreve poeticamente a origem e o papel dos deuses. Primeiro que tudo houve o Caos; depois, a Terra, de amplo seio, suporte inabalável dos demais seres. Do Caos nasceram o Dia e o Éter. A Terra gerou primeiramente o céu constelado, depois as altas montanhas, em que habitam os deuses, e o insondável abismo do mar.⁴²

O Caos era o espaço vazio. Por um impulso admirável, através de ordem mais admirável ainda, surgiu e formou-se este Universo em que vivemos e do qual somos inseparáveis no tempo e no espaço. Não podemos contar os tempos geológicos e biológicos decorridos há milhões ou bilhões de anos. Nem podemos abarcar sequer os tempos históricos, construídos pelos *homo sapiens sapiens*. Não obstante, estes tempos históricos marcam os nossos caminhos com a evolução das espécies, mostram o sentido de evolução da humanidade. E tudo se originou de um vazio primitivo, daquele *tohu abohu* assustador de que fala o *Livro do Gênesis* em suas primeiras linhas e corresponde ao *chaos* dos gregos.

Agora, passados milhões de anos de evolução, receamos ter entrado num processo inverso de involução. A Teoria do Caos voltou a ocupar a Ciência, em outros moldes. Mas, à parte elucubrações científicas, o caos e o vazio manifestam-se de outras maneiras neste nosso mundo em transição. As clássicas perguntas: quem somos? de onde viemos? para onde vamos? continuam válidas. Mais que isso, refluem sempre e voltam com interrogações sobre o sentido da nossa vida e o destino do planeta Terra.

Sim. Malgrado todas as aparências e ilusões, há um vazio na sociedade humana e no íntimo de cada indivíduo. Pairam angústias sobre o nosso destino comum. Assaltam-nos incertezas sobre como sermos nós mesmos, e sobre o significado da Terra como espaço

⁴² Hesíodo. *Teogonia, a origem dos deuses*: versos 116 e ss. (Bibl.)

habitado por uma espécie dominante que, de tão pretenciosa e perdida, pode caminhar rumo a um vazio definitivo.

Ao propormo-nos estes e outros questionamentos, logo desponta a Ética, com seu perfil vaporoso e papel ainda incerto neste mundo em mutações alucinantes. Será ela válida? Até onde chegam seu alcance e eficácia? A primeira interrogação aparece como uma "questão fechada", à espera de uma resposta que não admite alternativas. Sim, ela é e tem-se mostrado absolutamente válida. Já a segunda questão é "aberta", sugerindo alternativas. É precisamente a presença de alternativas nas respostas que nos deixa, de certo modo, desconcertados. Seria necessário rastrear os alvos e as aplicações morais, e isso se parece com desafio. Efetivamente, os descaminhos da humanidade, o caráter complexíssimo dos valores naturais e espirituais, o "caos" onipresente a requerer um ordenamento constante, tudo isso em mistura com o vazio e a ansiedade do homem moderno, são duras realidades e fatores que desconcertam a própria Ética.

Invoco o versátil pensador e cientista Hans Küng, através de seu livro monumental sobre a necessidade de uma Ética nas dimensões do nosso mundo. Resume ele:

- Pouco a pouco, afortunadamente, impôs-se entre os sociólogos a compreensão de "que a história da humanidade está passando para uma era nova e incerta", o que acarreta "implicações filosóficas quase inimagináveis", e que isto está relacionado com a "pergunta sobre a essência do homem".⁴³

Ante a incerteza dos novos rumos, inclusive na política, Küng ilustra a sua constatação com o pensamento do cientista americano Zbigniew Brzezinski, antigo assessor de segurança do presidente Carter, dos Estados Unidos:

A correção que se faz necessária não há de ser tirada de um catálogo de recomendações políticas. Ela não poderá evoluir senão como consequência de uma nova época histórica em que se possa chegar a uma mudança de valores e de comportamento; no fundo, portanto, de um longo e difícil processo de autoanálise cultural e de reorientação espiritual que, ao longo do tempo, pouco a pouco vá influenciando a atitude política do mundo ocidental e não-ocidental.⁴⁴

A política é apenas uma das manifestações da problemática mundial. A causa é mais profunda e abrangente do que os fenômenos. Infelizmente, porém, semelhante reflexão (apesar de ter ela partido de quem partiu) é, ou parece ser, inócua a uma sociedade hegemônica que tomou doses cavalares da vacina do consumismo e, inebriada consigo mesma, sofre de aguda alienação da realidade. O mundo real ou a realidade global do mundo não lhe diz respeito.

Bem, talvez eu esteja indo longe demais, o que Você acha? Esqueçamos as hegemonias do momento e voltemos à linha da nossa conversa.

Todos sabemos que as grandes fases da História tiveram suas respectivas características. Por aí temos idéia de que o nascimento da Ciência Moderna e o impulso que lhe foi dado pelo Iluminismo do século XVIII consagraram a ruptura, por vezes convulsiva, entre a Razão e a Fé. O desenvolvimento científico e tecnológico inebriou o espírito humano, fazendo-o sentir novos

⁴³ Hans KÜNG. *Uma Ética Global para a Política e a Economia Mundiais*. p.152. (Bibl.)

⁴⁴ Zbigniew BREZEZINSKI. *Out of Control Turmoil on the Eve of the 21st Century*. Nova York, 1993. *Apud* Hans Küng, ob. cit., p. 152-153. (Bibl.)

sabores no fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. O Homem mirou-se no espelho daquilo que construiu e, naturalmente, endeusou-se e subiu ao pódio do Cosmos. E, neste final da Era Moderna, não são poucas as vozes que proclamam o "Homem além do Bem e do Mal". Ele passou a recusar critérios e valores outrora estabelecidos e firmes, e rechaça quaisquer limites à sua atuação; em compensação, porém, perdeu o eixo de si próprio.

Constatamos, com ironia, que nem há efetivamente um *super-homem* nem Deus está morto, como se tem apregoadado. Idéias, descobertas e invenções sucedem-se em turbilhão; não obstante, o Homem tornou-se juguete de mal-entendidos substanciais - eu diria transcendentais - e mergulhou no vazio da desorientação, como um aprendiz-de-feiticeiro que não sabe controlar o efeito de suas ações. É *o chaos* inicial que nos ronda e nos desestrutura. Mas, o que fazer?...

Mesmo diante dos grandes progressos já consagrados, não podemos dar-nos por satisfeitos e parar com as questões mais sérias. Pior ainda seria se, condescendentes, recompensássemos a Ética perene com uma simples aposentadoria. Ninguém aposenta a vida nem se aposenta da vida sem profundos sobressaltos. Eu, tu, ele, nós, vós, eles - todos tememos.

Como a vida, a Ética resulta de um longuíssimo processo de elaboração, aprovação e acomodação que acompanhou o crescimento da espécie humana. Durante milênios, e de forma cada vez mais encadeada, os homens foram verificando e registrando o que era bom e o que não era, os erros e os acertos, os direitos e os deveres, o que era preciso respeitar e o que permanecia indiferente como valor. Foram decorridos séculos e séculos - para não falar de milênios e milênios - na elaboração e na consolidação dessa espécie de "contrato social", muitas vezes explícito e muitíssimas outras implícito. A humanidade veio aprendendo consigo mesma, e hoje parece teimar em esquecer-se do essencial e das lições acumuladas.

Vivemos na cultura ocidental, herdeiros das tradições judaico-cristãs. Observa nosso companheiro Hans:

- Mesmo os Dez Mandamentos da Lei de Deus - as "dez palavras" ou "Decálogo", que na Bíblia hebraica aparecem em duas versões - tiveram que passar por longa história. As instituições da "segunda tábua", que dizem respeito às relações entre os homens (respeito aos pais, proteção da vida, do matrimônio, da propriedade e da honra do próximo), remontam às tradições morais e jurídicas dos clãs pré-israelitas e seminômades, possuindo inúmeras analogias no Oriente Próximo. Longos séculos de prática, de aprovação e de polimento tiveram de decorrer até que o Decálogo adquirisse forma e conteúdo tão universais e resumidos que pudesse ser considerado como expressão adequada da vontade de Javé, da Aliança de Deus com seu povo.⁴⁵

Foi em tomo de revelações, profetismos e experiências históricas - e através de duras provas - que as três grandes religiões monoteístas chegaram a uma *consciência ética básica*. O curioso, e até paradoxal nessas respectivas culturas, é que a humanidade do Homem é garantida pela autoridade divina, não por ele. História e experiência ensinaram que o Homem não pode ser deixado à mercê de si mesmo. Por que, então, o Homem (ou uma cultura, uma sociedade, um governo) há de arrogar-se a posição de juiz absoluto, ou acima que qualquer lei, inclusive as da Natureza? Ele, ao contrário, deve transcender-se, superar-se e ser mais humano do que tem sido.

⁴⁵ Hans KÜNG. Ob. cit., p. 150. (Bibl.)

Infelizmente, o Homem contemporâneo (em particular, as novas gerações) perdeu a visão histórica e transcendental da Ética. Ele brinca com éticas de ocasião, com valores relativos; tem seu jogo do faz-de-conta nas éticas classistas ou corporativas, assim como na chamada "moral de situação"; mas, não sabe como encarar o mundo que nasce agora nem como inserir-se nele, desempenhar o seu papel e manter sua dignidade fundamental. A dança velocíssima do transitório e das aparências tira-lhe a visão do que é permanente e essencial.

Se foi dito que a liberdade existe somente dentro da lei, o mesmo se aplica à Ética. Talvez não se tenha prestado suficiente atenção a este aspecto. Sem embargo, a Ética é o penhor da liberdade e do próprio direito. É como o cavaleiro, com ares quixotescos que sai pelo mundo, de lança em riste, contra a opressão e o abuso do poder, em defesa dos oprimidos. Ela reduz significativamente a diferença entre os desiguais, e congrega os iguais em prol das causas comuns. Isto é essencial à realização do ideal de uma sociedade justa. Nunca uma democracia real se impôs pelas armas ou pela prepotência, métodos estes intrinsecamente antidemocráticos. Quanto maior o respeito entre direitos e deveres, maior o vínculo democrático entre pessoas, instituições e Estados.

O abuso do poder tem, hodiernamente, vários nomes; contudo, a realidade abusiva é uma só: o desrespeito. Não importa que o desrespeito pareça travestido do que for. Os poderes político e econômico, as oligarquias soltas e impunes avançam sobre o que não lhes cabe. Também a dominação tecnológica, a tirania da Ciência, o engodo das falsas liberdades, as mistificações religiosas, se não ignoram acintosamente as restrições éticas e morais, no mínimo ultrapassam e desrespeitam os seus limites. As informações e as contra-informações escamoteiam o real, escorregam propositadamente em falsidades, erros e meias-verdades. A manipulação das pessoas e das consciências, em diferentes formas e graus, é inescrupulosamente empregada em alta escala e enaltecida como aplicação da inteligência e prova de superioridade (Você e eu estamos fartos de ouvir coisas assim: - "Veja como sou inteligente!", ou "Veja só como fui esperto!...", ou "Passei a conversa, agi 'diplomaticamente' e enrolei 'politicamente'" etc.).

Os sofismas distorcem a lógica dos fatos. Isto não acontece restrito a indivíduos e grupos: alcança culturas, sociedades e governos - o que, obviamente, é muito pior para o mundo do Homem e da Natureza. Quem se julga absoluto e inquestionável no comando da luta do "Bem" contra o "Mal" toma-se logo um cavaleiro do Apocalipse, um malfetor da Terra e um vilão galáctico.

O que dizer da cidadania? Os grandes filósofos socráticos, nomeadamente Aristóteles, não distinguiram muito rigorosamente a Ética da Política, porque ambas estavam destinadas a ordenar e aperfeiçoar a convivência. Hans Küng, citando Riklin a respeito do sucesso das seis "invenções da humanidade contra o abuso do poder", observa na retaguarda desses movimentos a presença de um *impulso ético*:

...de forma alguma a consciência ética ocupa um posto perdido na luta contra o poder.⁴⁶

O Iluminismo, transitando pela Revolução Francesa e prolongando-se através de épocas e sistemas, consolidou a grande conquista da *Declaração Universal dos Direitos do Homem*. Todavia, mais antiga do que ela é a *formulação dos deveres universais do homem*, que é preciso reviver. Isto se faz particularmente necessário e significativo quando o processo de unificação do mundo abre espaço para a exigência de um *etbos mundial*. Por seu turno, alertamos o companheiro Leonardo, que Você bem conhece como pensador e escritor:

⁴⁶ Hans KÜNG. Ob. cit., p. 149. (Bibl.)

- Três problemas suscitam a urgência de uma ética mundial: a crise social, a crise do sistema de trabalho e a crise ecológica, todas de dimensões planetárias.⁴⁷

Não nos será difícil constatar que a Ética perene, nascida das experiências e da sabedoria acumuladas ao longo da História, pode e deve renascer como base ancestral do *Ethos Mundial*. Este último, na realidade, é uma nova etapa da Ética perene, melhor dizendo, um avanço que se ajusta à etapa histórica daquilo que se convencionou (ainda que vagamente) denominar de *pós-modernidade*.

Está aberto o caminho para indagações, reflexão, elaborações teóricas e vivências práticas. O cidadão, o gestor ambiental e os formadores de outros seres-humanos-cidadãos devem ser, preliminarmente, os agentes da *sua* própria formação. Levanta-se, nesse ínterim, a pergunta crucial: o mundo que está em gestação será à nossa imagem ou, ao contrário, seremos nós a imagem desse mundo mal esboçado e incerto dos seus rumos? Qual a resposta que daremos à humanidade e ao planeta Terra nessa empreitada? Qual a resposta que daremos a nós mesmos?!

b) *Ethos* Ambiental, um guia seguro

Creio que, para tanto, é lícito excursionarmos por algumas reflexões preliminares que incentivem nossa "imaginação filosófica".

Apesar de paradoxal, falar de fronteiras da Ética equivale a dizer que a Ética não tem fronteiras ... Vem de longe, do passado, do imemorial, do esquecido.

Assemelha-se, por analogia, ao *aether*, ao *ápeiron* e ao *átomos* dos filósofos originários (para os que quiserem recordar: Anaxágoras, Empédocles, Anaximandro de Mileto, Leucipo e Demócrito, entre outros). O *aether* pervade o espaço e, de algum modo, todos os seres. O *ápeiron*, infinito e indeterminado, é o princípio e o elemento primordial de todas as coisas, o inexaurível. E o *átomos*, invisível e indivisível, está na fórmula de composição do Universo. Peço perdão aos filósofos ortodoxos, e mais ainda aos autores das teorias originárias, por essa analogia atrevida. Mas, a procura do conhecimento e da sabedoria nos leva, algumas vezes, a transgressões.

Os primeiros filósofos reconhecidos como tais, os pré-socráticos, queriam obstinadamente encontrar o princípio construtivo do mundo, a *arché*. Estavam, como se vê, na tentativa de uma síntese que elucidasse os enigmas do mundo físico. Foi assim que se estabeleceram os primeiros fundamentos da Ciência, então confundida com a Filosofia. Depois, as preocupações voltam-se para o conhecimento do ser humano, a partir do *Conhece-te a ti mesmo*, e entram na análise dos costumes, da vida social e da organização da cidade e da civilização.

Na investigação da Ética, como na sua aplicação, a analogia trazida acima nos leva a concluir que, à semelhança dos elementos primordiais, também ela se baseia numa *arché*; constrói-se com o indefinido e o infinito, trabalha com o indivisível e ocupa a totalidade do espaço da vida. Não há ser que seja indiferente à vida e ao ecossistema planetário. Os termos gregos *oikos* e *ethos*, assim como as realidades que eles representam, têm muito em comum com o espaço vital. Da mesma forma, a felicidade, a realização individual, o bem-estar coletivo e a perpetuação do fenômeno da vida, as aspirações humanas em geral requerem a justiça

⁴⁷ Leonardo BOFF. *Ethos Mundial*: um consenso mínimo entre os humanos.p.13. (Bibl.)

como fundamento da paz, este "tranquilo convívio na ordem" conforme a conhecida definição de Tomás de Aquino.

Oikos e ethos reportam-se à *convivência*. A Ética, por definição e essência, é inseparável da vida e da existência no planeta Terra. As regras da convivência têm sido elaboradas, testadas e adoradas em longos períodos da História, que evoquei anteriormente. E este processo continua com a participação cada vez maior do mundo natural que, na expressão de Anaxágoras (500 - 428 a.C.), serve de referência para o mundo racional. A "mente ordenadora" da Natureza nos dá parâmetros para relacionarmos-nos sabiamente com este mundo físico e, mais, entre nós próprios.

No "contrato social", implícito e antiqüíssimo, em que os seres humanos foram os principais convenientes entre si, o mundo natural compareceu como "interveniente" e diretamente interessado. Por certo, o mundo natural não poderá observar suas cláusulas se nós não observarmos rigorosamente o que nos cabe. É a regra da vida e da convivência.

Poderíamos, então, dizer que a Ética também é filha da Terra, como nós. Queiramos ou não, ela tem um caráter telúrico, pois nasceu dessa interação de seres vivos inteligentes, entre si e com outros seres vivos e não-vivos. Se a cobiça dos recursos naturais provocou a discórdia entre os homens, o mesmo mundo natural devidamente respeitado pode ser o grande mediador, o oportuno inspirador da *convivência na casa* ou do "tranquilo convívio na ordem".

Voltemos a pensar no sentido de um *Ethos Mundial*, fundamento e rumo para novos modelos de convivência. A respeito, Leonardo discorre, em síntese, sobre a "universalização do discurso ético". Ele fala do alcance e dos limites do utilitarismo social que insiste na visão pragmática dos processos econômicos e sociais; essa visão, chamada neo-utilitarismo, está na base de muitas reformas sociais calcadas em modelos anglo-saxões. É fácil perceber seu vínculo com o neoliberalismo ou o neocapitalismo.⁴⁸

Há que se considerar ainda os fundamentos éticos fornecidos pela Natureza e pelas diferentes tradições religiosas. Para Leonardo, a prioridade volta-se para o pobre e o excluído; o enfoque geral, porém, aponta para o resgate ético da modernidade e o processo da globalização.⁴⁹

Uma pergunta sempre me inquieta, como também a Você e ao Thomas: Há uma ênfase compreensível e premente sobre o social. E para a Natureza... nada? É Thomas quem observa:

- A crítica moral-religiosa neste país (o dele, EUA) geralmente se mostra preocupada com a questão de nossa economia de mercado capitalista, negligente com as suas responsabilidades sociais... Outro modo de focalizar a economia como questão religiosa (e ética; acrescento eu) é principiar pelo modelo de economia atual e perguntar por suas mais profundas implicações a partir do seu próprio modo de funcionamento, e é este o caminho que vamos seguir... algumas observações em tomo da economia atual, sua capacidade de auto-sustentação, e as conseqüências não apenas para o bem - estar da comunidade humana, mas também dos sistemas vivos.⁵⁰

Pelejou-se sempre e muito pela dignidade humana através de inúmeras escolas de pensamento e sistemas políticos. Curiosamente, essa peleja tinha como pontos de partida as

⁴⁸ Leonardo BOFF, ob. cit. Em relação ao utilitarismo social, ver p. 50-56. (Bibl.)

⁴⁹ Leonardo BOFF, ob. cit., p. 57-89. (Bibl.)

⁵⁰ Thomas BERRY, *O Sonho da Terra*, p.82. (Bibl.)

mais diferentes formulações, algumas delas até antagônicas entre si. Contudo, a valorização do Homem como ser pluridimensional esteve presente na maior parte das doutrinas, porquanto não pode haver humanismo autêntico que não leve em conta o ser humano em sua totalidade.

Nestes albores de novo modelo civilizacional, é chegada a vez de pugnar pela *dignidade da Terra*. Não se trata já de uma Ética antropocêntrica, mas de uma "Ética eco - centrada". A propósito, esteve em discussão, por oito anos, um texto oficial preliminar da *Carta da Terra*, cuja versão definitiva deve ser assumida pela ONU ainda em 2002. Esta é a posição dos seus formuladores:

A *Carta da Terra* está concebida como uma declaração de princípios éticos fundamentais e como um roteiro prático de significado duradouro, amplamente compartilhado por todos os povos. De forma similar à Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas, a *Carta da Terra* será utilizada como um código universal de conduta para guiar os povos e as nações na direção de um futuro sustentável⁵¹

Os princípios e valores éticos da *Carta da Terra* podem resumir-se no seguinte:

1. Respeito e cuidado com a comunidade de Vida;
2. Integridade ecológica;
3. justiça social e econômica;
4. Democracia, não-violência e paz.

A Educação Ambiental vem provocando mudanças profundas na abordagem integrada dos saberes. Da mesma forma, o *ethos* ambiental, reflexo da ansiedade difusa do mundo moderno, poderá desencadear mudanças ainda mais profundas do que as cogitadas por Francis Bacon na aurora da Ciência moderna. Essa mudança não mexerá apenas com o intelecto: ela tem força para revirar os paradigmas éticos e a vida das nações e das pessoas. Reflita sobre isto:

A Terra não é a adição de um planeta físico, mais a biosfera, mais a humanidade. A Terra é uma totalidade complexa física/ biológica/antropológica, em que a vida é uma emergência da história da Terra, e o homem uma emergência da história da vida terrestre.

A vida é uma força organizadora biofísica em ação na atmosfera que ela criou, sobre a terra, debaixo da terra, nos mares, onde ela se espalhou e se desenvolveu.

A humanidade é uma entidade planetária e biosférica.

Estamos a milhões de anos-luz de uma centralidade humana no cosmos e, ao mesmo tempo, não podemos mais considerar como entidades claramente separadas, impermeáveis umas às outras, homem, natureza, vida, cosmos.⁵²

⁵¹ "*La Carta de la Tierra: valores y principios para un futuro sostenible*", Secretaria Internacional del Proyecto Carta de la Tierra, San José, Costa Rica, 1999, 12.

- Apud Leonardo BOFF, ob. cit., p. 89 (o texto em português encontra-se em *apêndice* ao final da obra).

⁵² Edgar MORIN e Anne Brigitte KIRN. *Terra-Pátria*. p. 65. (Bibl)

É preciso acreditar na evolução do mundo e na força das idéias. Esta é a nossa alavanca. Se precisar de um ponto de apoio para levantar o mundo, busque-o dentro de Você mesmo, na Ecologia Interior.

c) Ecologia Interior e Ecologia Profunda: o *Ethos* radical

A esta altura, Você terá a impressão de que há uma ruptura na mesma e única realidade que é o planeta Terra. Não é só impressão, é um fato decorrente da dualidade Homem-Natureza. Experimentamos uma espécie de conflito, não digo esquizofrênico dividindo a mente em duas realidades que não se integram nem se conhecem, porém um conflito espírito-matéria, natural entre realidades distintas que devem complementar-se. Eu diria que essa ruptura ou divisão assemelha-se melhor a uma angústia existencial perante apelos ou situações aparentemente difíceis de conciliar - como inúmeras outras situações com que nos deparamos ao longo da vida.

Não se trata, obviamente, de um problema deste ou daquele indivíduo; é a sociedade humana inteira que se defronta com ele. Por conseguinte, caracteriza-se como problemática de ordem espiritual e cultural, de valores e contravalores; e, em última análise, de uma opção (ou reopção) que todos devemos fazer no sentido de sobreviver à crise e reencontrar a nossa identidade como seres ambientais.

A Ecologia Interior não fica à flor de sentimentos vagos. Ela tem velhas raízes na própria essência do Homem, no fato de ele ser o que é, um ser telúrico. Não se trata da revivescência de arquétipos, de um inconsciente coletivo tão-somente, ou de um ímpeto moderno que brota dos nossos troncos tribais. O fato, aliás verificável, é que irrompe uma visão mais ampla do Homem no interior do próprio Homem, como testemunham as Ciências Humanas em seu contraponto ao bordão insistente das chamadas Ciências do Universo. Observa Thomas:

Terminou a fase da ciência excessivamente analítica. Começa a se configurar um contramovimento de integração e de valorização dos processos subjetivos interiores, numa visão mais abrangente de todo o Universo... O que fascina os cientistas é a experiência de uma visão que só agora aflorou plenamente na mente científica. Nunca se pode frisar demais que a força motriz do esforço científico é de ordem não científica, assim como a força motriz do esforço tecnológico é de ordem não tecnológica.⁵³

Os impulsos para a Ciência e a Tecnologia nascem de fora delas, mesmo que (como é o caso de pesquisa e desenvolvimento) tais impulsos pareçam, enganosamente, nascer delas próprias - algo como "geração espontânea" da matéria -, e nelas se completarem. Brotam das intenções humanas, quase sempre explícitas.

Uma pergunta séria: o que está por trás dessas intenções? O que é e o que vale o "mundo objetivo" da Ciência e da Tecnologia sem a força intrínseca do "motor subjetivo" que anima e impulsiona cada ser humano em sua infinidade de relações? E até quando, até que ponto, pode perdurar esse enfeitiçamento tecnológico uma vez que a exigência maior - nem sempre consciente -, encontra-se no desenvolvimento interior da personalidade de cada um? Esta personalidade complementa-se em nossa identificação com a própria Terra e, diria ainda, com os corpos celestes mais distantes. Não é por outra razão que se curte a "lua-de-mel", no casamento ou fora dele, nas profissões e em grande parte das fases que marcam mudanças profundas em nossa vida. Os mistérios do mundo sideral disfarçam-se, compactam-se e se escondem dentro de nós. O Cosmos se introjeta no "Microcosmos", que é Você, que sou eu, que são os nossos amigos.

⁵³ Thomas BERRY. *O Sonho da Terra*. p. 5 1. (Bibi.)

Os diferentes conhecimentos mitológicos fazem reviver aspectos ocultos ou recalcados da realidade humana. A intrincada trama de sentimento e relações presentes na tragédia grega, por exemplo, está no calcanhar do nosso cotidiano; ou antes, essas figurações tiveram o mérito quase milagroso de, há milhares de anos, traduzirem em palavras, gestos e atitudes o que há de perene no ser humano, seus pontos fracos e seu lado forte. Tudo isso deve ser perenemente trabalhado enquanto o Homem estiver oscilando entre os seus próprios limites e as suas potencialidades.

Talvez, para confusão nossa, as civilizações tradicionais da Eurásia, as civilizações pré-colombianas e as antiqüíssimas culturas do Oriente (do Próximo ao Remoto Oriente) tivessem melhor configurado a existência humana à imagem da divindade e à realidade da Natureza. Hoje, com tudo quanto a humanidade alcançou e conquistou, qual é a sua posição confiável diante do "mundo objetivo"? Não teria esse mesmo mundo destruído a nossa subjetividade? E então, José?... Haverá, efetivamente, uma diferença entre nós e os asteróides erráticos que não têm órbita fixa no espaço sideral? Que tipo de centro do mundo pretendemos ser?

● A Ecologia Interior

A espécie humana dificilmente chegará, em seu conjunto, à plenitude da sua consciência, a menos que admitamos uma evolução incessante rumo ao ponto ideal, como na cosmovisão de Teilhard de Chardin. Mas, essa percepção escapa à Ciência, embora possa ser considerada pela assim chamada Teologia Científica. Como e onde encontrar uma tentativa de explicação? Arrisco-me a isso, temerariamente, a partir dos meus próprios raciocínios. Lembro os fractais, a Teoria de Caos e a autopoiese e, por minha conta, faço uma aplicação - por enquanto uma simples metáfora que, um belo dia, poderá tornar-se uma hipótese e seguir adiante. Não me leve muito a sério, Você que me conhece...

Seria assim: os indivíduos fazem as vezes de moléculas neste todo orgânico, que é nosso planeta. Trazem infundáveis cargas genéticas (é claro), mas, também, espirituais, heranças culturais acumuladas. O Homem, cada um de nós, é um microcosmos que resume a totalidade. É como uma estrutura fractal que permanece coerente com a vida terrestre em todos os níveis de observação. Cada um de nós é parte do todo e precisa ser coerente com ele. Seria fenomenal se conseguíssemos reproduzir geometricamente todas as formas dessa realidade humana, em sua integração com o conjunto da Natureza, e seus vários "aceleradores", como no caso dos fractais. Por outro lado, durante nossa presença na História, idéias surgem e agitam-se como asas de borboleta; esse bater de asas poderia teoricamente provocar um tornado em região distante. É o que acontece com certas idéias que, com a aproximação ou a redução dos espaços e a intensificação do tempo, são capazes de desencadear reações não imaginadas: basta ver o que sucede no campo das comunicações e nas mudanças que se lhe seguem. O tempo real elimina espaços, como constatamos através da mídia, da mesma forma que a informática simplifica processos e encurta caminhos.

Sabemos, pela autopoiese, que a infinidade de relações ou interações, num conjunto de infinitos elementos, pode conduzir aos mais variados processos de autoconstrução ou autocriação. Os sistemas vivos conhecem essa realidade. Os sistemas sociais comportam, igualmente, tais aplicações. Então, diria eu, elementos ativos e coerentes (os seres humanos mais outros seres) podem modificar o todo. Entretanto, como a massa (a sociedade massificada) se comportará? Ora, a massa, esse todo informe e caótico, tem sido manipulada com eficiência por um tipo determinado de mensagens, de relações e interações que resultam negativas, não apenas para o ecossistema planetário, mas, ainda, para a sociedade humana como tal. Sabemos, ademais, que o Caos contém dentro de si um princípio de organização, que é preciso aproveitar. As reflexões feitas logo acima aplicam-se, como se vê, a esses processos

que considero negativos, por deformarem a verdadeira imagem do Homem e arruinarem a Natureza - sejam eles quais forem, venham de onde vierem. O mesmo, todavia, vale para os processos que julgamos positivos, ou seja, aqueles que respeitam o Homem e a Natureza e são capazes de promover a reconciliação e a reintegração de ambos; para isso, basta usar os meios e processos apropriados. É possível até reverter certos processos e transformá-los em positivos.

Sem dúvida, há uma grande disparidade nas duas situações, a saber, entre a ação negativa e a positiva. A massa, que não tem consciência própria, pode ser facilmente massificada (não é reduplicação ou pleonismo; é uma explicitação do conceito) porque, como massa informe, é também massa de manobra e não está consciente disso. Então, ela é conduzida - diria melhor, é tangida como gado - para as agressões ao mundo natural, para o consumismo e para todo tipo de deformações sociais, morais e naturais. A massa inclina-se mais facilmente para a satisfação dos instintos primitivos que se encontram no seu id, nos grotões dos trogloditas que ainda existem em nós. Felizmente, há corações e mentes que não se deixam levar pela pressão e podem contrabalançar o processo de massificação, embora sob condições desproporcionais em força e recursos. É o que fazem os líderes e os indivíduos dotados de carismas especiais.

Na sociedade contemporânea, no entanto, as lideranças são mais grupais do que individuais. Eu ponho fé na autopoiese gerada pelos pequenos grupos conscientes, pensantes e comprometidos com a restauração do equilíbrio ecológico total, isto é, a reintegração Homem-Natureza. Creio na sua atuação autopoietica, pois acredito que, à maneira dos fractais, carregarão coerência por onde estiverem, congregando-se num todo que não é simples somatório de partes, mas resultará numa realidade dinâmica e com tendência a expandir-se, na qual as partes assumem novos papéis. E a reação prossegue em cadeia.

Você talvez ache que fui longe demais. No íntimo, é o que Você almeja ver acontecer. Muito tempo atrás, num lugar distante, alguém disse que "uma alma que se eleva, eleva o mundo". Aqui e agora, pensamos da mesma forma. Cada um de nós, por isolado e impotente que se julgue, pode acreditar no que a Física, a Matemática e a Biologia nos transmitem sobre a nossa capacidade de ser e de agir, seguindo as lições do mundo natural de que fazemos parte - uma parte privilegiada, diga-se de passagem.

Acho que não estou tão desamparado na minha aventura filosófica. Há mensagem de Thomas para Você, retransmitindo o pensamento do físico Brian Swimme, com quem nos encontramos tempos atrás:

- O Universo tem arrepios de espanto nas profundezas do humano.⁵⁴

Por que terá ele falado assim? Eu temia por esses meus disparates; sem embargo, é Thomas quem conclui:

- Desde os mais tênues fragmentos da matéria até os imensos sistemas de galáxias, podemos ver o mundo com muito mais clareza através de nossos modos empíricos de conhecimento. Temos agora mais intimidade com cada partícula do Universo e com o grandioso plano de conjunto. Nós o vemos e ouvimos e com ele nos comunicamos, como jamais anteriormente. Não apenas em sua grandeza

⁵⁴ Brian SWIMME é cientista que não teme "transgredir" os cânones da Física. Escreveu *The Universe is a green dragon: A cosmic creation*. Santa Fé, NM (USA): Bear & Co., 1984. - É um pequeno livro escrito por um cientista dotado de viva imaginação e que, com senso lírico, sabe mostrar as interações entre o Cosmos e a mente humana. Apud Thomas BERRY, p. 31 e 24 1. (Bibl.)

espacial, mas também em seu processo evolutivo, conhecemos mais intimamente o mundo que nos cerca. Sentimos intimidade com toda a ordem cósmica dentro de nosso próprio ser. Este modo de sentir a emergência do Universo, idêntico a nós mesmos, dá um novo significado à concepção chinesa de formar um só corpo com todos os seres⁵⁵ (Fim da mensagem).

Parece que não temos escorregado no absurdo, por enquanto.

Você, eu e nossos companheiros de caminhada devemos considerar-nos como neurônios de um cérebro planetário, disposto a não se deixar destruir pela embriaguez da Ciência e da Tecnologia elevadas a expoente máximo, ou pela degeneração de nossas relações com a Mãe-Terra, apesar de, às vezes, praticarmos alguma traquinagem, visto que o Homem é sempre um *enfant terrible*.

Podemos prosseguir?

As preocupações científicas do mundo contemporâneo, ainda mecanicista, persistem na obsessão pelo conhecimento do "mundo objetivo". A crua objetividade com que se busca o mundo físico tem empurrado para a penumbra a preocupação com a subjetividade humana. No entanto, é nessa subjetividade menosprezada que poderemos encontrar respostas exclusivas para o bom relacionamento Homem-Natureza. O *ethos* mundial e o *ethos* ambiental apostam mais na subjetividade humana do que na objetividade científica, não obstante, tal objetividade e tal subjetividade serem complementares entre si, como aspectos distintos de u'a mesma realidade.

Vale lembrar a experiência de ecologia interior de Henry D. Thoreau, vivenciada há um século e meio e, não obstante, revisitada com grande interesse por grupos da nossa geração contemporânea - é claro, com as devidas modificações de tempo e lugar.⁵⁶

Em Walden ou a Vida nos Bosques, através da sua linguagem viva e descritiva repleta de observações da Natureza e de reflexos da sua visão interior, ele nos faz participantes dos seres e fenômenos do mundo natural. O povoado, a construção da sua casa, as plantações. Volta-se mais tempo para os lagos. Percorre o ciclo das estações. Penetra nos sons e na solidão. Em tudo busca as leis superiores e o sentido do mundo. Em muitas passagens é uma obra comovente, estimulante, sempre poética e visionária.

Walden é uma obra de meditação profunda sobre a vida natural, se é que podemos chamar assim a vida. Mergulha em reflexões sobre o trabalho e o repouso, explora a experiência de viver só e os limites da auto-suficiência humana, analisando o dia-a-dia daquela vivência pessoal e interior em diálogo permanente com as manifestações da Natureza.

Compreendemos sem dificuldade por que, nas últimas décadas, tem crescido a Ecologia Interior. Entre tantas ecologias conhecidas, certamente há lugar para uma ecologia desconhecida. O pensador francês Félix Guattari chamou a atenção para essa multiplicidade quando destacou dela as suas três ecologias presentes nas intensas transformações do mundo moderno: a ecologia ambiental científica, a das relações sociais e a da subjetividade humana. No intróito do seu livro, Guattari trouxe um pensamento do cientista ambiental Gregory Bateson:

⁵⁵ Thomas BERRY. Ob. cit., p. 31-32.

⁵⁶ Henry D. THOREAU. *Walden ou a Vida nos Bosques*. (Bibl.)

Existe uma ecologia das idéias danosas, assim como existe uma ecologia das ervas daninhas.⁵⁷

O mesmo poderíamos dizer, em contrapartida, das idéias construtivas, nas quais se funda a Ecologia Interior: essas idéias são sementes ecológicas.

Se olharmos à nossa volta, a predominância de valores materialistas é incontestável. Começa com o fato de o valor do trabalho humano ser remunerado segundo a escala de prestígio das atividades que dão lucro. Todos lutamos por melhores salários, não é? O trabalho de cunho social não faz parte desse círculo privilegiado, como, de resto, o que se preocupa com o ser humano, por exemplo, a educação e a cultura. Já temos ouvido comentários sarcásticos sobre a chamada "cultura inútil", que não se enquadra nos cânones pragmáticos da rentabilidade e da aplicação imediata para se ganhar dinheiro. Você não acha que é preciso passar uma plaina sobre essas excrescências dos valores materialistas e capitalistas? Em termos de subjetividade humana e de valores de ordem espiritual (incluindo-se nesta última os valores culturais, estéticos, ambientais, éticos, a auto-realização do ser humano como pessoa, dentre outros) não têm o mesmo impacto e reconhecimento provocados pelo *status* de quem acumula bens- de consumo e se perde na ostentação de um padrão de vida que se esvai na mera ostentação. A grande questão está em rever os sistemas de valores e os critérios de valoração.

Numa sociedade massificada, o empenho em ser si-mesmo (o *self* em inglês, o *selbst* em alemão, na linguagem dos psicólogos) é privilégio de gente que se preza e sabe o que quer, apesar dos aliciamentos e das pressões externas. Volta-me à lembrança o verso de Horácio: *Sí fractus illabatur orbis, impavidum ferient ruinae*.⁵⁸ Se o mundo desabar em pedaços, as ruínas vão alcançar um homem impávido. Tudo bem, mas... quantos dentre os mais de seis bilhões de criaturas humanas (incluindo-nos neste número assustador), no atual modelo ético e ambiental da sociedade mundial, poderiam sobreviver ao desmoronamento do mundo? Veja bem que eu não falo em termos apocalípticos de aniquilação de todo o criado; refiro-me ao debate da atual civilização para a qual pagamos tributos. A subjetividade, a auto-identidade é um privilégio que esperamos merecer.

● A Ecologia Profunda

Estas são algumas das muitas considerações que poderíamos fazer a respeito da Ecologia Interior. Você terá ouvido falar também de *Ecologia Profunda*, uma abordagem biocêntrica bastante discutida. Por vezes a Ecologia Interior e a Ecologia Profunda são tomadas com sinônimos; isto deve ao fato de serem abordagens relativamente novas e pouco conhecidas.

Foi a partir do século XVIII que o "modelo divinizante" cedeu lugar à manipulação do Meio Ambiente total em favor exclusivo do Homem, com detrimento incalculável da Natureza. Tinha-se como indispensável libertar o Homem de velhas tiranias - e isso era mesmo necessário. Transformações sociais e políticas foram tamanhas que alteraram a estrutura da existência humana, não apenas a sua conjuntura passageira.

Tome Você um exemplo muito em voga: sabemos, pela história, o que aquela época e seu pensamento representaram para uma colônia da Inglaterra que viria a tornar-se potência

⁵⁷ Félix GUATTARI. *As Três Ecologias*. A citação de Bateson está na p. 7. (Bibl.)

⁵⁸ Horácio (Quinto Horácio Flaco, 65-8a.C.), *Odes*, III, I, I.

hegemônica menos de dois séculos depois. O filósofo, estadista e espírito libertário, que foi Thomas Paine, escreveu em seu panfleto *O Senso Comum* (1775):

- Temos agora o poder para criar um mundo totalmente novo. Situação como esta jamais apareceu, desde os dias de Noé até hoje. Temos o poder para gerar um mundo novo...⁵⁹

Parece que a América do Norte levou muito a sério esse apelo: fugir da escravidão rumo à liberdade e à abundância da Terra Prometida. Como se sentiria essa mesma América ao mirar-se no espelho do Universo? Por ora, vira a resposta do espelho mágico:

Nada há nem pode haver mais belo do que tu!

Sabemos, porém, que o espelho mágico pode perder rapidamente o seu encanto; aliás, muita gente de lá de dentro não dá atenção a tão rançoso narcisismo. E como se sentirá essa mesma potência hegemônica quando se defrontar com a realidade de todo mundo (ou do mundo todo), à qual não poderá escapar? Talvez Walt Disney não soubesse que estava contando, por alegorias amargas, o destino do seu próprio país com suas crises incontornáveis.

Há mais de cinquenta anos, o ecologista norte-americano Aldo Leopold afirmou que uma "nova ética" se fazia necessária para rever a relação do Homem com a Terra; e os seres vivos que dividem o seu espaço. Ele não se restringiu à biota; ampliou sua proposta para os seres abióticos, como o solo e a água, porque tudo isso se inclui nas fronteiras do Planeta. Leopold era, naqueles anos, um tremendo inovador, sendo sua *Ética da Terra* bem lastreada pelos seus conhecimentos científicos. Foi, contudo, o filósofo norueguês Arne Naess quem chamou a atenção para as tendências "superficiais" e "profundas" que se verificam no movimento ecológico. No primeiro caso, estariam aqueles que se empenhavam em manter a boa qualidade dos recursos naturais em função do seu uso pelos homens e do desfrute dos prazeres que isso acarreta. No segundo caso, os ecologistas "profundos" lutavam pela preservação de toda a biosfera (estando compreendidas nela todas as demais "esferas" que compõem a Terra: litosfera, atmosfera, hidrosfera, noosfera), independente das vantagens que o Homem pudesse tirar desse complexo planetário. O mundo natural tem seu valor intrínseco - não é apenas o valor de uso que lhe atribuímos; a vida é o grande milagre cotidiano a ser perpetuado,, não tanto em função dos seres vivos individuais quanto dos sistemas vivos. Com efeito, as cadeias tróficas (ou alimentares), a existência de presas e predadores e outros aspectos dos ecossistemas privilegiam as *telas da vida*, de que temos falado repetidamente.

Aqui está uma amostra do pensamento desses dois autores. De Leopold:

Uma coisa é certa quando tende a preservar a integridade, a estabilidade e a beleza da comunidade biótica.; é errada quando apresenta a tendência contrária.⁶⁰

⁵⁹ Apud Thomas BERRY. Ob. cit., p. 54.

Thomas PAINE (1737-1809), escritor e político anglo-americano. Seu conhecido panfleto *Common Sence* advogava a independência das colônias norte-americanas. Foi também jornalista e ativista. Viajou pela Europa e fez parte da Convenção Nacional durante a Revolução Francesa. Deixou muitas obras; uma das mais conhecidas é *The Rights of man* (1790), com edição brasileira: *Os direitos do Homem*, (Bibl.) Eis um trecho: "O que antigamente chamávamos de revolução era pouco mais que troca de pessoas ou alteração de circunstâncias locais. Elas subiam e caíam naturalmente e nada havia em sua existência ou em seu destino que tivesse influência além do âmbito em que ocorriam. O que vemos agora no mundo, porém, a partir das revoluções da América e da França, são uma renovação da ordem natural das coisas, um sistema de princípios tão universal como a verdade e a existência do homem, combinando moral com felicidade política e prosperidade nacional" (p.120 – 121). Como se vê, a pregação foi muito além do que ele teria podido imaginar, particularmente nos Estados Unidos da América, que se converteram num protótipo muito defeituoso do mundo moderno.

Já Arne Naess, juntamente com o filósofo norte-americano George Sessions, também envolvido com o movimento da Ecologia Profunda, estabeleceu vários princípios para uma ética ecológica dos quais refiro os três primeiros:

1. O bem estar e o florescimento da vida humana e não-humana na Terra têm valor em si mesmos (sinônimos: valor intrínseco, valor inerente). Esses valores são independentes da utilidade do mundo não-humano para finalidades humanas.
2. A riqueza e a diversidade das formas de vida contribuem para a concretização desses valores, e também são valores em si mesmas.
3. Os seres humanos não têm direito de reduzir essa riqueza e diversidade, a não ser para a satisfação de necessidades *vitais*.⁶¹

Estas posições casam-se muito bem com as teorias de James Lovelock, Lynn Margulis e Elisabet Sahtouris. Entretanto, a Ética Ambiental continua em desenvolvimento. Ela é inovadora, questionadora e, de certa forma, radical. Vou novamente apelar para Peter:

- Uma ética ambiental rejeita os ideais de uma sociedade materialista na qual o sucesso é medido pelo número de bens de consumo que alguém é capaz de acumular. Em vez disso, ele avalia o sucesso em termos de desenvolvimento das aptidões individuais e da verdadeira conquista da satisfação e realização. Incentiva a frugalidade, na medida em que esta se faz necessária para a diminuição da poluição e para a certeza de que todas as coisas passíveis de reutilização serão recicladas... É possível que até mesmo essas práticas não passem de uma solução provisória, um mero degrau para se chegar a uma ética em que se questione a própria idéia de consumir produtos desnecessários.⁶²

Você pode concluir, serenamente, que tanto o *ethos mundial* quanto o *ethos ambiental* na sua essência são radicais em face da Ciência, da Tecnologia, da sociedade de consumo, dos estilos de vida e, em particular, quanto à revisão profunda de nossos sistemas de valores.

Resta, entretanto, uma ponta de mistério que envolve nossa condição e as opções radicais que nos esperam. Com a palavra, o Roberto:

Cada um de nós, ao se defrontar com o mistério da nossa existência e da nossa experiência, tem de tentar descobrir algum meio de desvendar o seu sentido. Temos uma escolha de filosofias: a teoria mecanicista da natureza e da vida humana, com Deus como um figurante opcional; a teoria da natureza como algo vivo, mas sem Deus; ou a teoria de um Deus vivo junto com uma natureza viva. Cada uma dessas concepções pode ser elaborada intelectualmente ente, cada uma delas pode ser defendida com fundamentações racionais, e cada uma delas é sustentada com profunda convicção por muitas pessoas. No final, temos de escolher entre elas com base na intuição. Nossa escolha é influenciada pelo nosso reconhecimento do mistério e, por sua vez, pela a nossa tolerância em face dele. Aqueles em quem os limiares de tolerância ao mistério são os mais baixos são atraídos para a visão de mundo mecanicista-atéista que, por uma questão de princípio, nega a existência de entidades misteriosas, tais como almas e Deus, e descreve uma realidade desencantada, isenta de magia e procedendo de maneira inteiramente

⁶⁰ Aldo LEOPOLD. *A Ética da Terra*. Em Peter Singer. *Ética Prática*. p. 296. (Bibl.) Aldo Leopold foi pioneiro do movimento ecológico nos EUA. É sua a conhecida "Matriz de Leopold", utilizada nos estudos de avaliação de impacto ambiental. Foi também pioneiro no estudo dos princípios éticos que regem as relações entre o Homem e a Terra. Entre os seus trabalhos: *A sand county almanac*. New York (USA): Oxford University Press, 1949. Nesse livro encontra-se um ensaio sobre a *Ética da Terra*.

⁶¹ Arne NAESS e George SESSIONS. *Apud* Peter SINGER. *Ob.cit.*, p. 296.

⁶² Peter SINGER. *Ob. cit.*, p. 302. (Bibi.) - *O autor apresenta vários exemplos de extravagâncias que, deploravelmente, fazem parte do uso e das práticas do cotidiano.*

mecânica. Aqueles que reconhecem a vida da natureza em evolução admitem o mistério da vida e da criatividade. E aqueles que reconhecem a vida de Deus estão conscientemente abertos para o mistério da consciência da graça e do amor divinos.⁶³

⁶³ Rupert SHELDRAKE. *O renascimento da Natureza*,...,p.202.(Bibl.)